Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

I Seminário Sul Gaúcho de Estudos Nerds e Geek

ISSN: 2675-5084
v.8, n.12

Luís Eduardo dos Santos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação e História (PPGH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Membro do Grupo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos (GPHQ) da Universidade Regional de Blumenau - FURB.

E-mail: **luis.dudu.santos@gmail.com**

Submissão: 30/01/2026
Revisão: 11/06/2026
Aprovação: 18/06/2026
Publicação: 10/07/2026

INTERSECCIONALIDADE E PERFORMATIVIDADE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA MARVEL: uma análise entre Sue Storm e Medusa (1961-1965)

RESUMO:

As HQs da Marvel Comics são fontes relevantes para analisar representações de gênero na cultura de massa do século XX. O estudo examina Fantastic Four #1 (1961) e #36 (1965), focando Sue Storm e Medusa no contexto sociopolítico da Guerra Fria nos EUA. Busca-se compreender como essas personagens foram construídas narrativa e ideologicamente a partir da articulação entre gênero, moralidade e nacionalidade. A pesquisa apoia-se em performatividade de gênero e interseccionalidade, distinguindo contexto interno e externo das narrativas. Argumenta-se que, embora heroína e vilã, ambas são representadas por expectativas de gênero reguladas, reforçando modelos normativos de feminilidade alinhados ao American Way of Life. Conclui-se que as HQs funcionam como espaços de reprodução e regulação simbólica das hierarquias sociais, evidenciando seu potencial analítico como documentos históricos.

PALAVRAS-CHAVES: Histórias em quadrinhos; Representações femininas; Performatividade.

Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

I Seminário Sul Gaúcho de Estudos Nerds e Geek

ISSN: 2675-5084
v.8, n.12

INTERSECTIONALITY AND PERFORMATIVITY IN MARVEL COMICS: an analysis between Sue Storm and Medusa (1961-1965)

Luís Eduardo dos Santos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação e História (PPGH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Membro do Grupo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos (GPHQ) da Universidade Regional de Blumenau - FURB.

E-mail: **luis.dudu.santos@gmail.com**

ABSTRACT:

Marvel Comics' stories serve as relevant sources for examining gender representations in 20th-century mass culture. This study analyzes Fantastic Four #1 (1961) and #36 (1965), focusing on Sue Storm and Medusa within the sociopolitical context of the Cold War in the United States. The aim is to understand how these female characters were narratively and ideologically constructed through the articulation of gender, morality, and nationality. Grounded in theories of gender performativity and intersectionality, the research distinguishes internal and external contexts of comic book narratives. Findings suggest that, despite occupying opposite roles as heroine and villain, both characters are framed by rigidly regulated gender expectations, reinforcing normative models of femininity aligned with the American Way of Life. Thus, Marvel comics operate as spaces of symbolic reproduction and regulation of social hierarchies, highlighting their analytical potential as historical documents.

Keywords: *Comic books; Female representations; Performativity.*

Submissão: 30/01/2026
Revisão: 11/06/2026
Aprovação: 18/06/2026
Publicação: 10/07/2026

1. INTRODUÇÃO

As Histórias em Quadrinhos trouxeram, junto do seu desenvolvimento e de uma nova dimensão documental, novas possibilidades de abordagem para um número diversificado de temáticas. Sua linguagem específica, que se constitui pela articulação indissociável entre texto e imagem (Eisner, 1989, p. 122) é capaz de difundir narrativas dos mais variados tipos temáticos. Longe de se restringirem ao entretenimento, essas narrativas dialogam com valores, tensões e normas vigentes em seus contextos de produção, tornando-se fontes relevantes para a análise histórica, podendo ser vistas a partir do reforçamento de determinados estilos de práticas sociais cotidianas, configurações do viver e ideais normativos.

A segunda metade do século XX foi fundamental para o estabelecimento dos quadrinhos tanto quanto produto cultural, quanto uma mídia capaz de ser lida por diferentes perspectivas. Ao pensar a sociedade dos Estados Unidos nesse período, podemos verificar a consolidação do gênero dos super-heróis como um expoente capaz de efetuar tais abordagens. Estando em meio à Guerra Fria e projetando um fortalecimento do *American Way of Life*, enquanto também presenciava à ascensão dos movimentos sociais, os quadrinhos de super-heróis passaram por um processo de renovação temática e de regulamentação. Nesse cenário, a Marvel Comics ganhou destaque ao apresentar personagens mais humanizados e narrativas que, ainda que de forma cautelosa, incorporavam elementos do cotidiano social, dialogando com questões ligadas à ciência, à moralidade e às hierarquias sociais.

Com o lançamento da revista *Fantastic Four* no início dos anos 1960, suas histórias passaram a se tornar um espaço para refletir sobre representações ligadas à performatividade de gênero e à interseccionalidade junto da temática dos super-heróis, esses agora, mais palpáveis para o público. Dessa maneira, utiliza-se das histórias de número 1 e 36 da publicação, lançadas respectivamente em 1961 e 1965 nos Estados Unidos.

Para a análise dos quadrinhos, fundamenta-se na proposta metodológica elaborada por Tavares Chico, que opera a partir da noção diferenciada entre dois contextos relacionados ao quadrinho (Tavares Chico, 2020, p. 124), sendo esses o contexto interno, reproduzido e abordado na obra, e o contexto externo, relacionado ao momento em que ela está sendo produzida. Além, a proposta enquadra a possibilidade de articulação com a interseccionalidade e a performatividade ao considerar no quadrinho os elementos de análise desde a posição dos personagens, as cores utilizadas, o enquadramento e todo tipo de escrita presente, dentre outras informações.

Dentro desse universo, como será visto na análise, observa-se a possibilidade de uma estereotipação baseada na nacionalidade, já que Sue Storm e Medusa refletem caricaturas de seus locais de origem, Estados Unidos e Mediterrâneo, além da moralidade colocada em questão, que se articula diretamente com os atos performativos de cada personagem. Esses elementos podem determinar sua classificação narrativa: Sue Storm é representada como heroína, enquanto Medusa é construída como vilã. Dessa forma, a articulação entre gênero, nacionalidade e moralidade abre uma ampla gama de possibilidades analíticas, permitindo compreender como os quadrinhos operam na reprodução de hierarquias sociais e culturais.

O trabalho desenvolve-se a partir do questionamento de como os quadrinhos poderiam agir na reafirmação das personagens femininas dessas histórias. Sue Storm e Medusa, heroína e vilã, foram construídas narrativa e ideologicamente a partir de um cruzamento entre gênero, moralidade e nacionalidade, de modo a consolidar modelos de heroína e vilã no contexto sociopolítico tão delicado quanto este. Visando investigar tal problemática, o artigo está estruturado em duas seções principais. A primeira dedica-se a contextualizar os dois tipos de contexto relevantes para as obras analisadas, buscando compreender como estes se articulam às publicações. A segunda seção dedica-se à análise propriamente dita, desenvolvida a partir de quatro recortes narrativos das histórias em quadrinhos, sendo dois provenientes de cada uma das edições selecionadas.

2. ESTADOS UNIDOS E A INDÚSTRIA DOS QUADRINHOS EM 1960

A década de 1960 marcou transformações significativas em diversas esferas da sociedade estadunidense. A intensificação das reivindicações

ISSN: 2675-5084
v.8, n.12

sociais, associada à "emergência de inúmeros e diversificados movimentos coletivos" (Duarte; Meksenas, 2008, p. 128), remodelou o pensamento político e cultural do Ocidente, produzindo efeitos duradouros nas lutas por igualdade racial e de gênero, bem como nos debates contemporâneos sobre democracia e direitos humanos.

Nesse contexto, o fenômeno da chamada Segunda Onda do Feminismo introduziu novas problematizações ao deslocar o foco das análises para campos até então pouco explorados, como a cultura de massas do século XX. Influenciado por Simone de Beauvoir, cujo diagnóstico indicava que "o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo" (Beauvoir, 1980, p. 25), o movimento passou a questionar de maneira mais sistemática as formas pelas quais as mulheres eram representadas nos produtos midiáticos, sobretudo quando esses eram produzidos majoritariamente por homens. A crítica incidia sobre produções culturais que, de modo hierarquizado, reproduziam um ideal feminino alinhado ao *American Way of Life*, no qual "as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da 'rainha do lar', exacerbando-se a mistificação do papel da dona de casa, esposa e mãe" (Alves; Pitan, 2017, p. 43). Tais representações não apenas delimitavam papéis sociais, mas também prescreviam modos de agir e de performar o feminino nas relações sociais.

Também influenciada por Beauvoir, Judith Butler (2018, p. 56) vai definir a teoria da performatividade de gênero não como um fundamento oculto das expressões, mas sim algo produzido por elas, sendo constituída performativamente. Ou seja, não se trata de algo pré-existente as práticas do gênero, mas algo surgido a partir destas em relação a sociedade. Dessa forma, dentro da mídia criticada pelas feministas, é perceptível uma normatividade imposta nas expressões feitas pelos personagens, principalmente as mulheres, em relação ao enredo e coincidindo com uma moral padronizada pelos seus realizadores, que eram em sua maioria, homens.

Um exemplo televisivo elucidativo desse conjunto de performances é a série *Bewitched* (1964–1972), exibida no Brasil sob o título A Feiticeira. A protagonista, Samantha Stephens, é apresentada como uma mulher branca, loira e dotada de poderes mágicos, interpretada por Elizabeth Montgomery. Ao casar-se, entretanto, passa a assumir o papel de dona de casa suburbana, evitando o uso de seus dons sobrenaturais e reservando-os apenas para a resolução de problemas que ameaçam a ordem cotidiana de sua vida conjugal. A rotina da personagem enfatiza o ideal da dona de casa estadunidense dos anos 1960 de uma família nuclear, operante em uma casa confortável no subúrbio e vida organizada, de modo que, apesar de seus poderes, Samantha opta por cozinhar e cuidar do lar de forma convencional (Cunha; Rocha, 2017, p. 18). A possibilidade de subversão, representada pela magia, é assim condicionada à manutenção desse padrão de vida, funcionando como um mecanismo de regulação dos modos legítimos de "ser mulher" no período.

Essas representações não se mantiveram influentes apenas no crescente consumo da mídia televisiva da época. As Histórias em Quadrinhos, em específico o gênero dos super-heróis, recuperavam-se de um declínio de vendas pós-guerra muito graças as regulamentações do *Comic Code Authority*. Esse selo regulamentário, autoimposto pelas editoras, foi criado como uma forma de rebater as críticas feitas pela sociedade que acusavam os quadrinhos de serem responsáveis por propagar a delinquência, homossexualidade e depravação da moral dos leitores infanto-juvenis (Andreotti, 2017, p. 38). A solução proposta pelo código foi a supressão de uma série de gêneros de histórias que estavam fazendo sucesso na época, como as de terror e crime policial, que evidenciavam de forma mais explicita esses temas aos seus leitores.

O contexto sociopolítico da década de 1960 propiciou uma significativa renovação dos quadrinhos de super-heróis, processo posteriormente denominado Era de Prata. Nesse período, as narrativas passaram a dialogar de maneira mais explícita com o presente histórico, incorporando temáticas vinculadas à Guerra Fria, à Corrida Espacial e aos receios relacionados ao uso da energia atômica e nuclear. Tais problemáticas foram frequentemente elaboradas por meio do gênero da ficção científica, que oferecia um repertório simbólico capaz de traduzir, de forma metafórica

e crítica, a crescente centralidade da ciência e da tecnologia no imaginário social contemporâneo.

A *Marvel Comics*, editora fundada em 1939 com o nome de *Timely Comics*, encontrou nesses anos uma oportunidade para renovar tanto seus heróis, quanto ao que diz respeito aos temas abordados, ampliando-se, ainda que de forma tímida, a abertura para questões do social concreto. Foi assim que em 1966, na onda da radicalização dos debates sociais sobre o movimento negro, a editora lançou o *Black Panther*[1], primeiro super-herói negro a integrar a indústria dos quadrinhos de super-heróis norte-americanos (Howe, 2017, p. 82).

O *Black Panther* apareceu pela primeira vez no número 52 da revista do Fantastic Four, com roteiro de Stan Lee e arte de Jack Kirby. A revista, intitulada no Brasil Quarteto Fantástico, teve início em 1961, com um primeiro número cuja narrativa se articulava diretamente ao contexto da corrida espacial então em curso. Dessa forma, o número 1, responsável por inaugurar uma nova fase na Marvel, apresentou um grupo de heróis com uma narrativa ia de encontro com crescente interesse da época (Andreotti, 2017, p. 39), momento em que a tecnologia e a ciência passavam a ocupar um espaço cada vez mais central no imaginário social[2].

Alguns anos depois, na edição número 36 da revista, ainda pela autoria de Lee e Kirby e publicada em 1965, a narrativa apresenta um grupo que passa a atuar como uma contraparte distorcida e moralmente negativa do Quarteto Fantástico. Composto igualmente por três personagens masculinos e uma personagem feminina, esse outro grupo é construído como um espelhamento invertido dos heróis, rivalizando com eles em diversos aspectos, como a própria formação do grupo e o uso de poderes especiais, agora associados a valores, motivações e comportamentos apresentados como desviantes.

Aqui cabe uma elaboração do aspecto analítico da interseccionalidade na pesquisa. Partindo do entendimento de que as desigualdades não podem ser explicadas a partir de um único eixo, uma vez que as opressões se articulam de forma múltipla e complexa (Biroli; Miguel, 2015, p. 27). A interseccionalidade, neste trabalho, é compreendida a partir de uma definição ampla que "investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana" (Bilge; Collins, 2020, p. 16). Essa perspectiva é aplicada principalmente na análise das duas personagens femininas das equipes estudadas, pois além da discriminação de gênero, que aparece como elemento central nos enredos e que, mesmo de forma inconsciente, atua em favor da manutenção do *American Way of Life*, há também outros fatores que reforçam estereótipos. Laura D'Amore (2012, p. 1228) evidencia esse processo ao mostrar que, nos anos 1960, a indústria dos quadrinhos construiu apenas uma "superfamília" de heróis, o Quarteto Fantástico, formado por personagens explicitamente identificados como estadunidenses. Essa configuração reforça não apenas a centralidade da nacionalidade na narrativa, mas também a ideia de que o modelo familiar norte-americano deveria servir como referência normativa, projetando valores de domesticidade e conformismo alinhados ao estilo de vida estadunidense.

3. SUE STORM E MEDUSA: INVISIBILIDADE NORMATIVA E VISIBILIDADE AMEAÇADORA

Como dito anteriormente, lançada em novembro de 1961, escrita e ilustrada por Stan Lee e Jack Kirby, *Fantastic Four #1* apresenta a história de origem do grupo. Na narrativa, Reed Richards, Susan e Johnny Storm, juntamente com Ben Grimm, realizam uma viagem espacial e são expostos a uma energia cósmica que lhes confere poderes sobre-humanos: elasticidade, invisibilidade, controle do fogo e corpo rochoso. A história, para além da sua publicação, serve como um reflexo dos tempos de dicotomia político-econômica e da Guerra Fria e da preservação "dos bons costumes e colaborando para reforçar o modo de vida americano" (Vergueiro, 2020, p. 147).

[1] Publicado e traduzido no Brasil a partir de 1969, sob a denominação Pantera Negra.

[2] Esse movimento de renovação científica nos quadrinhos de super-heróis pode ser situado a partir de 1959, quando a DC Comics reformulou o perso nagem Green Lantern, atribuindo-lhe uma identidade vinculada à ficção científica e a imagem do policial espacial.

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.8, n.12



Figura 1. O grupo discute sobre a missão espacial. *Fantastic Four #1*. 1961. p. 09. *Marvel Comics*

Esse fator torna-se mais perceptível ao analisar as publicações da equipe, em que, Susan Storm, conhecida como *Invisible Girl*, destaca-se por ser a única mulher do grupo. Apelidada de Sue, ela é representada como uma mulher de cabelos loiros, mais nova que seus colegas de equipe, que nesse início, não possui vontades originais suas, servindo apenas como uma extensão dos homens que estão à sua volta. A sua posição social de também se conforma aos modelos hegemônicos do padrão de vida norte-americano, uma vez que sua identidade é construída a partir de laços afetivos e familiares, sendo o noivado com Reed e a relação de parentesco com Johnny, que a situam em papéis tradicionalmente femininos.

Esse posicionamento torna-se ainda mais evidente quando a personagem se coloca na defesa de Reed, reagindo de forma incisiva ao chamar Ben de covarde após este questionar seu noivo. Tal atitude revela não apenas sua lealdade incondicional, mas também a centralidade de Reed em sua identidade e escolhas. Essa dependência afetiva e simbólica é reforçada no terceiro quadro da figura 01, em que ela declara: "aonde você for, eu irei!". A frase, motivada exclusivamente por sua condição de noiva, expõe a ausência de autonomia e a submissão de sua trajetória pessoal ao vínculo matrimonial, evidenciando como sua presença e agência narrativa estão condicionadas ao papel de futura esposa.

A dinâmica permite observar como a personagem é constituída por práticas reiteradas que produzem determinados significados para o feminino. Conforme argumenta Butler (2018), o gênero não corresponde à manifestação de uma essência interior, mas ao efeito da repetição de normas socialmente reconhecidas. Nesse sentido, a centralidade atribuída aos vínculos afetivos de Sue não apenas caracteriza a personagem, mas contribui para naturalizar expectativas específicas sobre o comportamento feminino, associando reconhecimento social e legitimidade moral à dedicação aos homens e à preservação da unidade familiar.

Essa posição perante um modelo de vida conformista pode ser vista da mesma forma a partir da manifestação dos seus poderes:



Figura 2. Sue desperta seus poderes pela primeira vez. *Fantastic Four #1*. 1961. p. 11. *Marvel Comics*

A personagem possui poderes relacionados à invisibilidade que, quando comparados à sua utilidade em um combate direto, típico dos enredos mais simples do período, "pouco fez além de mantê-la afastada da ação"[3], enquanto os integrantes masculinos do grupo conduzem a resolução da situação. O enquadramento visual adotado quando seus poderes são acionados pela primeira vez reforça ainda a centralidade de seu corpo, destacando suas curvas femininas e posicionando-a de forma recorrente no centro dos quadros, inclusive nas cenas em que se encontra completamente invisível.

O fato de ser a única mulher do grupo e de adquirir um poder que lhe permite literalmente desaparecer

[3] Publicado e traduzido no Brasil a partir de 1969, sob a denominação Pantera Negra.

ISSN: 2675-5084
v.8, n.12

sugere, ainda que de modo implícito, uma compreensão compartilhada à época sobre o lugar social reservado às mulheres, marcado pela contenção, pela discrição e pela atuação nos bastidores. Seus elementos físicos operam de modo a simplificar suas ações e, conforme aponta Oliveira (2007, p. 65), contribuem para a domesticação de uma beleza latente associada às mulheres do lar.

A aproximação com Samantha Stephens, protagonista de *Bewitched*, evidencia uma característica recorrente das representações femininas da época. Embora ambas possuam capacidades extraordinárias, seus poderes são constantemente enquadrados por estruturas narrativas que preservam relações de autoridade já estabelecidas. Dessa forma, as duas personagens ilustram os limites impostos à representação do poder feminino na cultura de massa estadunidense dos anos 1960.

Em *Fantastic Four #36*, capa de março de 1965 e ainda com roteiro e ilustração de Lee e Kirby, o noivado de Sue e Reed é interrompido pelo ataque do Frightful Four, grupo de vilões composto por The Wizard, Sandman, Paste-Pot Pete e Madam Medusa, apresentado como uma contraparte distorcida do quarteto heroico, marcando a primeira aparição de Medusa. Imaginada pelos personagens como uma mulher com "um poder grande o suficiente para igualar o de Susan Storm", a personagem é apresentada de forma peculiar:



Figura 3. Medusa ataca policiais em sua ilha.
Fantastic Four #36. 1965. p. 05. *Marvel Comics*

Originária de uma ilha não nomeada do Mediterrâneo, a personagem é construída a partir de referências diretas à figura mitológica de Medusa, tanto na escolha do nome quanto na atribuição de poderes capilares que remetem ao mito da mulher transformada em monstro após ser violentada e injustamente culpabilizada. Essa associação não é casual, pois ao evocar uma narrativa marcada pela violência e pela punição feminina, a personagem carrega consigo uma carga simbólica que a distancia dos ideais hegemônicos do modelo norte-americano. Nesse sentido, ela atua como contraparte de Sue Storm, funcionando como um espelho invertido que evidencia contrastes de gênero e moralidade. Sua caracterização é marcada pela agressividade, como se observa no ataque à autoridade policial na figura 03, e pela vilania, atributos que reforçam sua posição como antagonista. Além disso, sua origem mediterrânea, vinculada a um espaço de tensões ideológicas durante a Guerra Fria, insere a personagem em um contexto geopolítico que reforça sua alteridade e a coloca como representação de um "Outro" (Beauvoir, 1980) cultural e político em oposição ao idealizado universo norte-americano dos super-heróis.

Diferentemente de Sue Storm, cuja identidade é construída a partir de vínculos familiares e afetivos que a inserem em um universo social reconhecível, Medusa sequer recebe um nome civil em sua primeira aparição. A personagem é identificada apenas pela alcunha *Madam Medusa*, em uma contínua ligação ao perigo e à monstruosidade feminina. Essa escolha contribui para que sua identidade seja construída menos como a de um sujeito individual e mais como a de um símbolo de alteridade. Enquanto Sue é apresentada como mulher, irmã e futura esposa, Medusa é definida principalmente por aquilo que a diferencia e a distância do padrão normativo representado pela heroína.

A personagem é igualmente significada a partir pelos seus cabelos ruivos, que substitui os cabelos de serpentes da sua referência na mitologia, podendo ser considerado tanto uma marca estigmatizante, seja pela forma e quantidade, quanto pela cor atribuída (Oliveira, 2007, p. 165), demarcando um grande contraste ao loiro natural da heroína, mais associado ao padrão norte-americano.

Ao juntar-se a sua equipe, é notável a sua posição no meio dos seus colegas de vilania:

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.8, n.12



Figura 4. Medusa se apresenta para o seu grupo. *Fantastic Four #36.* 1965. p. 08. *Marvel Comics*

Medusa se destaca entre seus colegas homens como uma figura associada ao exótico e ao perigoso. Sua presença parece causar estranhamento até mesmo dentro do próprio grupo, como se sua simples existência rompesse com aquilo que se espera do grupo de vilões e suas pretensões iniciais.

É importante perceber como os seus poderes unem-se como parte do seu indumentário, considerando que o "penteado transforma os cabelos em peça de vestuário, em objeto de arte e de moda" (Perrot, 2019, p. 59). Esse mesmo uniforme que passa a utilizar, imposto por seu líder sob a justificativa de ser "apropriado", cumpre uma função ambígua: ao mesmo tempo em que oculta parcialmente seu rosto, contribui para a construção de mistério em torno da personagem, também enfatiza suas curvas naturais e seus longos cabelos ruivos, que se tornam seu principal traço visual.

Tal contraste pode evidenciar uma tentativa de controlar sua imagem, equilibrando contenção e exposição, e reforça a associação da personagem a uma feminilidade percebida como excessiva e potencialmente ameaçadora, até mesmo em sua forma física, desenhada de maneira que a deixe parecendo mais musculosa do que a heroína, que como visto anteriormente, tratava-se de uma visão idealizadora e domesticada da mulher do lar.

Sob a perspectiva da performatividade de gênero proposta por Butler (2018), essa construção evidencia que a personagem não expressa uma essência feminina prévia, mas encena continuamente uma feminilidade marcada pelo excesso, pela agressividade e pela ameaça. Ao mesmo tempo, sua condição de estrangeira, sua associação ao imaginário mediterrâneo e sua identificação exclusiva com uma figura mitológica demonstram como gênero, nacionalidade e moralidade atuam de forma articulada. Assim, a personagem é produzida por múltiplos marcadores de diferença que reforçam sua posição como o Outro da narrativa, em contraste com a feminilidade domesticada e socialmente legitimada de Sue Storm.

A análise das duas personagens evidencia que, por mais que possa existir um certo tipo de paralelismo entre seus grupos, muito se diferencia em sua construção e narrativa enquanto personagens dotadas de superpoderes. A reafirmação de determinados estereótipos, junto da continua encenação de papéis ligados não só ao gênero, mas também a moralidade e a nacionalidade se tornam visíveis nesse tipo de material. É a partir dessa constatação que se tornam possíveis algumas considerações finais acerca do papel das histórias em quadrinhos como espaços de reprodução e regulação de normas sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao inscrever as Histórias em Quadrinhos no campo da análise histórica, este estudo procurou investigar os processos de construção narrativa e ideológica das personagens femininas Sue Storm e Medusa, tal como aparecem em *Fantastic Four nº 1* (1961) e nº 36 (1965). Mais do que identificar suas funções no enredo, buscou-se compreender como essas figuras operam como dispositivos simbólicos que articulam discursos de gênero e poder, revelando as tensões entre representação ficcional e valores sociopolíticos vigentes.

Inseridas no contexto sociopolítico dos Estados Unidos e da explosão de movimentos culturais, tais representações foram analisadas a partir das noções de performatividade de gênero e interseccionalidade, considerando-se a articulação entre gênero, moralidade e nacionalidade. Partiu-se do questionamento acerca de como essas narrativas, produzidas no interior da indústria cultural estadunidense, contribuíram para a reafirmação de modelos normativos de feminilidade,

ao mesmo tempo em que delimitavam fronteiras simbólicas entre heroísmo e vilania.

A análise evidenciou que, embora Sue Storm e Medusa ocupem posições narrativas opostas heroína e vilã, ambas são construídas a partir de expectativas de gênero rigidamente reguladas. Sue Storm é associada à invisibilidade, à domesticidade e à contenção, performando uma feminilidade alinhada aos ideais do *American Way of Life*, na qual suas ações são frequentemente subordinada às figuras masculinas do grupo. Medusa, por sua vez, é marcada pela visibilidade relacionada aos seus longos cabelos característicos, pela agressividade e pela exotização, sendo representada como uma ameaça moral e social vinculada tanto à sua performatividade de gênero quanto à sua origem estrangeira. Dessa forma, as HQs analisadas operam não apenas pela oposição entre heroína e vilã, mas pela produção de modelos femininos que, ainda que distintos, reforçam hierarquias de gênero e normas morais específicas do contexto histórico em que foram produzidas.

Mais do que atributos independentes, gênero, moralidade e nacionalidade aparecem articulados na definição das posições ocupadas por essas personagens. A construção do heroísmo e da vilania não depende exclusivamente das ações realizadas por Sue Storm e Medusa, mas também dos significados atribuídos às formas de feminilidade que cada uma encena. Assim, a proximidade com os valores associados ao *American Way of Life* contribui para legitimar determinadas performances de gênero, enquanto o afastamento desses referenciais reforça percepções de desvio, ameaça ou inadequação moral.

A construção dessas personagens revela uma projeção totalizante do Outro feminino, elaborada por um mercado editorial primariamente composto por homens. A partir de uma polarização dos atributos ligados tanto ao conformismo do modo de vida americano quanto à exoticidade ameaçadora e estrangeira, constrói-se uma representação presente no imaginário da época sobre as mulheres, desenvolvendo estereótipos que reforçam tanto a submissão quanto a alteridade feminina. Ao mesmo tempo, suas ações e enquadramentos visuais não revelam uma essência, mas reiteram normas sociais por meio da repetição, produzindo e regulando o gênero.

Tal como Samantha Stephens, da série televisiva *Bewitched* (1964–1972), que apesar de seus poderes extraordinários é constantemente incentivada a adequar-se ao papel de esposa e dona de casa suburbana, as personagens evidenciam diferentes formas pelas quais a cultura de massa delimitava os modos socialmente aceitáveis de exercício do poder feminino. A indústria cultural, portanto, atua como uma instância reguladora que, ao mesmo tempo em que oferece imagens de mulheres dotadas de poder, reinscreve esse poder em narrativas compatíveis com a ordem social vigente. Assim, tanto a heroína integrada ao ideal doméstico quanto a mulher marcada pela alteridade acabam contribuindo para a reprodução de um imaginário que define e controla os modos legítimos de ser mulher no contexto da Guerra Fria. Mesmo em posições narrativas opostas, heroína e vilã, ambas encenam modelos rigidamente normativos, revelando o papel das Histórias em Quadrinhos como espaços de reprodução simbólica e regulação cultural no século XX.

Por fim, as reflexões aqui desenvolvidas não esgotam o vasto campo de possibilidades analíticas abertas pelas personagens e pelas narrativas do Quarteto Fantástico. A revelação posterior de Medusa como integrante da raça dos Inumanos, em *Fantastic Four* nº 45 (dezembro de 1965), sinaliza uma ampliação, em trabalho futuro, do debate interseccional ao incorporar, de modo mais explícito, o eixo da raça, ainda que elaborado em um termo ficcional, aqui deixado de fora devido ao recorte documental. Esse deslocamento reforça a condição de alteridade radical da personagem e intensifica sua vinculação ao não assimilável, operando como metáfora para tensões sociais mais amplas. Nesse sentido, futuras pesquisas podem aprofundar as articulações entre gênero, raça, nacionalidade e moralidade em outros arcos narrativos da Marvel, reafirmando o estatuto das Histórias em Quadrinhos como fontes privilegiadas para a análise das hierarquizações simbólicas e dos dispositivos de poder cultural produzidos pela indústria da cultura de massa no século XX.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITAN, Jacqueline. **O que é Feminismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

ANDREOTTI, Bruno. Era de prata (1956-1970). In: MARANGONI, Adriano; ANDREOTTI, B. L. R.; ZANOLINI, M. **Quadrinhos através da História:** As Eras dos Super-Heróis. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergência na reprodução das desigualdades. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27–55, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS; Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira Da; ROCHA, Rose De Melo. Serialização da cultura e promoção de imaginários ambivalentes: construindo o -comum-excepcional- em A feiticeira. **RUMORES** (USP), v. 11, 2017.

D'AMORE, Laura Mattoon. The accidental supermom: superheroines and maternal performativity, 1963-1980. **The Journal of Popular Culture**, v. 45, n. 6, p. 1226-1248. 2012.

DUARTE, Adriano Luiz; MEKSENAS, Paulo. História e movimentos sociais: possibilidades e impasses na constituição do campo do conhecimento. **Diálogos**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 119–139, 2008.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HOWE, Sean. **Marvel Comics**: a história secreta. São Paulo: Leya, 2013.

KENT, Miriam. **Marvel women**: femininity, representation and postfeminism in films based on Marvel comics. 2016. Thesis (Doctor of Philosophy in Film Studies) – School of Art, Media and American Studies, University of East Anglia, Norwich, 2016.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. **Fantastic Four**. New York: Marvel Comics, n. 1, nov. 1961.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. **Fantastic Four**. New York: Marvel Comics, n. 36, mar. 1965.

OLIVEIRA, S. R. N. **Mulher ao quadrado**: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990). 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília e Finatec, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

TAVARES CHICO, Márcia. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **CADERNOS UNIFOA** (ONLINE), v. 15, p. 121-131, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. Super-heróis e cultura americana in: RÉBLIN, Iuri; VIANA, Nildo. **Super-heróis, cultura e sociedade**. Goiânia: Edições Redelp, 2020. p. 138-163.

Como citar este artigo:

SANTOS, Luís Eduardo dos. Interseccionalidade e performatividade nas histórias em quadrinhos da marvel: uma análise entre Sue Storm e Medusa (1961-1965). **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.8, n.12, 2026.